

Metodologias educacionais: construção coletiva da cidadania e protagonismo juvenil em uma periferia urbana¹

Emanuelle Viana de Freitas²

Nicole Ribas Ribeiro³

José Carlos Fernandes⁴

Valquíria Michela John⁵

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Este texto apresenta o relato de experiência da ação extensionista que envolve o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep/UFPR) e o Colégio Estadual João Gueno, localizado em Colombo, periferia da Região Metropolitana de Curitiba. Consolidada desde 2018, a parceria já resultou em dois livros de crônicas, um blog de notícias, um podcast, um curta-metragem e uma revista. Despontando como modelo de educação transformadora, a instituição recebe os extensionistas do programa em pelo menos 40 oficinas anuais, que destacam a comunicação popular e a linguagem midiática como caminhos de aprendizagem e incentivam o protagonismo dos estudantes a partir das observações atentas e curiosas do espaço em que estão inseridos.

Palavras-chave: Comunicação-popular; Educomunicação; Extensão universitária; Ncep.

Introdução

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) é um programa de extensão composto por discentes dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Guiado pelos princípios extensionistas de dialogicidade, interdisciplinaridade e transformação (Gonçalves; Quimelli, 2016), o núcleo fundamenta suas atividades em discussões que abraçam a comunicação popular, a democratização dos meios de comunicação e a educomunicação. Com 22 anos de atuação, o Ncep é composto, atualmente, por dez projetos, desenvolvidos em parceria com grupos de diferentes áreas de Curitiba e Região Metropolitana. Um desses trabalhos é o construído junto do “João Gueno”, uma escola da rede pública de ensino, localizada na “periferia da periferia” de Curitiba. A instituição tem seu endereço no distante bairro São Dimas, no município de Colombo,

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: emanuelleviana@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: nicoleribas@ufpr.br

⁴ Orientador do projeto - Professor Permanente do PPGCOM e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

⁵ Orientadora do artigo - Professora Permanente do PPGCOM e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: valquiriajohn@ufpr.br

um dos mais antigos da Região Metropolitana. Com quase 240 mil habitantes, a cidade é tanto um destino turístico, procurado por suas tradições italianas, quanto um complexo de problemas socioambientais: violência em escala, urbanização deficitária, alta densidade demográfica e negligência estatal (Santos, 2007).

Dispondo de seis salas de aula, que atendem ao menos 500 estudantes, do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, a escola ainda é marcada por um passado de violência. Em junho de 2013, a adolescente Tayná Adriane da Silva, estudante do “Gueno”, foi assassinada horas depois de estar em aula. O crime – que ganhou o noticiário sensacionalista – fez crescer entre os colegas de classe o medo e a baixa estima em relação ao município, ao bairro e ao colégio.

Como marcos do colégio após o trauma da morte de Tayná, estão: o projeto educacional desenvolvido em 2014, em parceria com as pesquisadoras Elisa Dalla Bona e Lúcia Cherem, ambas da UFPR; e uma atividade de leitura em voz alta, realizada pela professora de Língua Portuguesa Érica Rodrigues, a partir de um livro da escritora Índigo. A dinâmica, recebida com entusiasmo pelos estudantes, levou a autora a uma visita à escola, e compôs a “Ação Integrada para o Letramento”, que recebeu o prêmio Viva Leitura, do Ministério da Educação, no mesmo ano – estabelecendo o colégio como um espaço de vasto campo de possibilidades para a experimentação pedagógica e comunicacional (Campos, 2014).

É nesse cenário que nasce a parceria entre o Ncep e o “João Gueno”, na tentativa de que os estudantes percebessem, em suas próprias histórias e cotidiano, o bairro para além do noticiário policial, incentivando o protagonismo e, em especial, a “curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (Freire, 2003). Nesse sentido, o presente artigo resgata as metodologias aplicadas durante os sete anos de parceria com a escola, com destaque para os resultados das três ações mais recentes: 1) Profissacast⁶; 2) Blog Gueno News⁷; e 3) *Faits divers* e a produção de vídeos curtos – os dois primeiros atualizados em novas edições, enquanto a terceira, uma nova proposta.

Um conjunto de ações educomunicativas

⁶ Podcast em que os estudantes entrevistam profissionais de diferentes áreas de atuação. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2dyfTpUEqOBY38kIUtu5GO?si=f6fbbfb25f674f34>

⁷ Blog em que são publicadas as matérias dos estudantes. Disponível em: [Página Inicial | GuenoNews](#)

A parceria entre o Ncep e o “João Gueno” se iniciou em 2018, quando o núcleo foi chamado pela comunidade escolar para auxiliar em oficinas de crônicas. O gênero simples e popular foi visto como a estratégia ideal num momento em que os estudantes do oitavo ano só encontravam informações sobre o São Dimas no noticiário policial, o que confirmava a ideia do bairro como “não lugar” (Augé, 2024).

Os primeiros encontros foram marcados pelo reconhecimento do território e das identidades locais (Citelli e Costa, 2011). Com o auxílio de uma tabela que indicava itens censitários como calçamento, pavimentação, iluminação pública, sub-habitação, animais abandonados, arborização, ausência de sinalização de trânsito, comércio formal e informal, os estudantes da escola e extensionistas fizeram o papel de “recenseadores”: andaram pelas ruas do bairro, equipados com formulários e levantaram dados extraoficiais sobre a comunidade.

O objetivo dessa técnica “pedestre” era evitar que as oficinas de crônicas resultassem em textos de “confissões adolescentes”. Alguém que escrevesse de forma imprecisa que o São Dimas tem “muitos animais abandonados” poderia dizer que o local somava “40 cachorros sem dono”. Além de coletar informações exatas sobre o ambiente, a estratégia visava tornar concretos os discursos dos estudantes. Dos censos feitos pelos oficineiros resultaram os livros *De Pés no Chão: O São Dimas que vivemos* (Ncep, 2018) e *O meu, o seu, o nosso São Dimas* (Ncep, 2019).

Como fruto, prevaleceu, sobretudo, uma percepção atenta da realidade da comunidade. Ao andar pelas ruas, contar postes sem luz, os participantes entenderam que a evasão de alunos no período noturno estava relacionada à iluminação precária da região e ao temor das alunas em repetir o caso de Tayná. Os estudantes também criaram uma relação de causa e efeito ao interpretarem a ausência de asfalto na frente da escola – que assim permanece – como um descaso com a educação. E, para além dos problemas, identificaram moradores cujas histórias inspiraram crônicas de personagens. O São Dimas, entenderam os alunos, não estava reduzido ao noticiário policial (Freire, 2021).

Conjuntamente à produção dos livros de crônicas – com histórias que acionavam as portas do imaginário estudantil –, no auge da pandemia, entre 2020 e 2021, surge a *Revista Janelas Abertas*⁸, desenvolvida via oficinas virtuais, com estudantes do nono

⁸ Disponível em: [Início | Yeah](#)

ano do Ensino Fundamental. O produto, que, em suas primeiras edições mesclava as editorias de entretenimento, ciência, tecnologia e saúde, entrevista, acontecimentos (crônicas) e colunas de opinião, foi estruturado, do rascunho à obra-prima, a partir das sugestões dos alunos, partindo do ideal de que seria realizado por eles e para eles, respeitando os objetivos da comunicação popular – em que o Ncep atua somente como mediador. Os esforços atingiram também o espaço fora dos muros da escola, quando, no lançamento da revista, de forma remota, pais e professores prestigiaram a ação.

Passado o período mais agudo da pandemia, houve momentos lúdicos, como a produção do curta-metragem *A sombra de Fabinho: terrores no João Gueno*, no qual ficou explícita a lenda urbana de um estudante, vítima de bullying, que teria morrido nos arredores da escola e, também, de maneira enraizada, a preocupação com a violência e com as vidas interrompidas nas periferias. Com oficinas de escrita de roteiro, fotografia e entrevista, os adolescentes foram colocados no centro da produção.

Tendo resgatado as ações educacionais desenvolvidas nos anos de parceria, destaca-se, a seguir, a descrição das três metodologias aplicadas em 2024, em diferentes momentos: o lançamento da terceira temporada do Profissacast, desenvolvido com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, junto às aulas de Oratória; a segunda edição do Blog Gueno News, com o oitavo ano do Ensino Fundamental, em contraturno; e a produção de vídeos curtos, seguindo as raízes dos *faits divers*, com as mesmas turmas de Ensino Médio.

Metodologia Profissacast

O surgimento do Profissacast se deu em 2021, a partir da realização da pesquisa “Ensino Médio e Futuro”, que procurava investigar os interesses e perspectivas dos estudantes de Ensino Médio do “João Gueno” após a conclusão do ciclo. Diante da análise das respostas coletadas, constatou-se que os jovens, que possuíam entre 15 e 18 anos, de forma majoritária, sentiam-se pressionados com temas relacionados ao vestibular e à escolha profissional. Considerando esse fator, foram mapeadas as principais áreas de atuação que levantavam dúvidas e interesses, para que se tornassem temas dos primeiros episódios do podcast.

As etapas de produção envolvem: a delimitação da profissão que os alunos têm curiosidade; a escolha do entrevistado e formulação de perguntas; a entrevista com o

profissional selecionado e a gravação da conversa; e a edição e publicação dos episódios – tarefa atribuída aos extensionistas do Ncep. Ao conjunto, somam-se também as oficinas sobre linguagem sonora e entrevista, e a tutoria feita pelos universitários, que acompanham os processos. O formato dialoga com o público jovem ao passo que reforça que “Torna-se [...] cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação e que, para apostarem no estudo, desejam uma escola que responda a esses anseios e ofereça novos elementos ante suas realidades e vivências” (Soares, 2014, p. 24-25).

Nesse sentido, Luana Napoleão Valdera, ex-estudante do “Gueno”, participante da primeira e segunda temporada do Profissacast, relata que a gravação com os entrevistados era a sua etapa favorita do processo de produção e que a experiência das conversas com os convidados – em especial, o de teatro⁹ e a de engenharia florestal¹⁰, que enfrentaram desafios em suas profissões, de falta de apoio familiar ou de dificuldades na execução –, levou ao aprendizado da não desistência dos sonhos. Ela comenta, ainda, sobre as contribuições da educação midiática à sua vida em sociedade: “Sempre gostei de falar, mas tinha vergonha de falar em público ou com quem não conhecia. Depois que tive contato com essa educação [midiática], consigo fazer isso sem ficar com tanto medo” (Valdera, 2025, em entrevista às autoras).

Em 2024, houve a alimentação da terceira temporada do Profissacast, realizada com produções de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, junto à disciplina de Oratória – obrigatória na grade curricular do Novo Ensino Médio. Da experiência, surgiram os seguintes episódios: 1) Professora de Inglês¹¹; 2) Enfermeira¹²; 3) Artista Visual¹³; 4) Confeiteira¹⁴; 5) Logística¹⁵; e 6) Policial Militar¹⁶.

Metodologia Gueno News

Após a conclusão da atividade de crônicas, identificou-se a necessidade de criar um blog escolar que reunisse as produções textuais dos alunos. A criação do Gueno

⁹ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2zLJKOwZVEgOAirpYZWVX?si=abd5b187d62f427b>.

¹⁰ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6txk1tw9GIHftu8pmMu8n5?si=52bb59a083674752>.

¹¹ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7sThNJsJpmSPswiwRhW0U5?si=7139231cb11141b9>.

¹² Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1kg4rkOe1cHZuwes39lX6r?si=3b23bba075574b4b>.

¹³ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7j3i5MOU5gaqbrgNxRIFH2?si=31ce34256dc3425a>.

¹⁴ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5c8n8oKaJzqoG14qyinzh?si=742053d10c444dc3>.

¹⁵ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5BveBs8P2NqAvZv0JyXMxv?si=cb3d4a373d454d46>.

¹⁶ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/episode/23SbiYSXGYIIEvAU7lctP9?si=9118b9d4d3a34c6b>.

News também teve como objetivo sensibilizar os estudantes em relação ao território em que estão inseridos, estimulando a produção de conteúdos sobre o bairro, para além da abordagem predominante da mídia sensacionalista. Inspirados pelos princípios extensionistas da dialogicidade, interdisciplinaridade e impacto social, os alunos do “Gueno” mantiveram o bairro onde vivem — e onde estudam — como objeto de uma observação crítica e criativa sobre o mundo ao seu redor (Freire, 2019).

Desde sua criação em 2019, os alunos do Colégio Estadual João Gueno têm se engajado na produção de conteúdos para o blog, explorando uma diversidade de temas relacionados à comunidade e experimentando formatos jornalísticos como notícia e reportagem. Essas produções, fruto de oficinas ministradas por extensionistas em parceria com os professores da escola, são resultado da formação de ambientes educacionais (Soares, 2011), que valorizam o protagonismo juvenil, a construção de uma cidadania comunicativa e o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o território.

Seguindo as orientações do plano pedagógico de 2024, os extensionistas trabalharam com o gênero reportagem junto aos alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental. Para orientar o processo de produção, foi adaptada a metodologia do mapeamento do bairro — anteriormente utilizada na atividade de crônicas —, visando levantar possíveis pautas e temas de interesse dos estudantes. Como parte do processo, os alunos foram divididos em quatro grupos, com a tarefa de identificar pontos positivos e negativos do bairro e da escola.

A partir da socialização desses levantamentos, realizou-se uma reunião de pautas com os alunos, na qual foram definidos os temas que se transformariam em reportagens. Entre as ideias surgidas da observação atenta e curiosa dos adolescentes, se destacaram temas como o preconceito direcionado ao grafite¹⁷, iniciativas de educação ambiental — como a horta comunitária da escola¹⁸ — e o uso de plataformas digitais adotadas pelo governo estadual na educação básica¹⁹. As dinâmicas que seguiram se concentraram na

¹⁷ Matéria disponível em:

<https://colegiojoaogueno.wixsite.com/guenonews/post/grafite-é-criminalizado-e-enfrenta-preconceito-e-ataques-da-população>.

¹⁸ Matéria disponível em:

<https://colegiojoaogueno.wixsite.com/guenonews/post/projeto-de-horta-em-escola-estadual-incentiva-o-desenvolvimento-de-alunos-e-auxilia-na-segurança-alim>.

¹⁹ Matéria disponível em:

<https://colegiojoaogueno.wixsite.com/guenonews/post/uso-obrigatório-de-plataformas-na-educação-básica-levanta-questionamentos-da-comunidade-escolar>.

tutoria da produção dos textos e na edição acompanhada dos alunos, em uma prática emancipadora freiriana, orientada pelo diálogo e construção conjunta do conhecimento (Gadotti, 2017).

Para a aluna Gyovanna Camili Martins Gonçalves, a experiência de produzir uma reportagem pela primeira vez foi fundamental para aprimorar a escrita e desenvolver um olhar mais atento e criativo sobre o que acontece ao seu redor. “De modo geral, aprendi como começar uma matéria, como incluir depoimentos e dados, entre outras coisas” (Gonçalves, 2025, em entrevista às autoras). Ela complementa que a escolha de escrever sobre a horta comunitária da escola surgiu do desejo de abordar um tema que envolvesse ações coletivas e de cuidado com a comunidade.

Metodologia *faits divers* e produção de vídeos curtos

Nesse contexto, em que a educomunicação atua como operador teórico-prático da ação extensionista, os membros do Ncep propuseram, em 2024, os *faits divers* como matriz das atividades com as turmas do terceiro ano do Ensino Médio. O gênero jornalístico, originalmente associado à exploração emocional dos leitores, foi ressignificado como uma ferramenta para a construção de uma agenda positiva. Tendo como ponto de partida a “curiosidade” que caracteriza os *faits divers*, os estudantes exploraram perguntas simples: como por que choramos ao cortar cebolas? E qual a origem das cartas de baralho?

A escolha pelos *faits divers* como metodologia educ comunicativa se baseou no desafio de criar uma atividade que promovesse a participação efetiva dos alunos nas oficinas e os fizessem se sentirem ouvidos, condensando debates sobre mídia, imaginação e curiosidade. A primeira oficina, intitulada “Onde existem fatos curiosos na minha realidade?”, teve como objetivo apresentar o gênero, pontuando suas características e possibilidades temáticas. Nos encontros seguintes, o foco recaiu sobre a atividade de observação: um exercício de olhar curioso e atento ao cotidiano, com levantamento de pautas relacionadas aos absurdos da vida urbana, personagens inusitados, números ou estatísticas curiosas, inovações científicas, fatos históricos ou até mesmo nomes de ruas.

Concluída a etapa de escrita dos *faits divers*, o grupo extensionista deu início à segunda fase do projeto, voltada à adaptação dos textos produzidos pelos alunos em

materiais audiovisuais. Entre os formatos possíveis, optou-se pelos vídeos curtos — com duração entre 2min30s e 3min30s — a exemplo dos *reels*. A escolha foi fortemente influenciada pelo interesse demonstrado pelos próprios estudantes. Observou-se que, devido ao crescimento das redes sociais e ao processo de aceleração social (Citelli, 2017), os alunos consumiam majoritariamente esse tipo de conteúdo: vídeos breves, com linguagem dinâmica, fácil acesso e temáticas alinhadas à sua faixa etária.

Os encontros seguintes foram dedicados à produção dos roteiros. Nesse processo, os alunos trabalharam tanto a seleção de informações relevantes quanto a concepção de elementos visuais, estimulando o pensamento criativo em múltiplas dimensões do conteúdo. As oficinas aprofundaram ainda a discussão sobre a linguagem audiovisual, enfatizando clareza, foco temático e coerência narrativa, tendo em vista que “a utilização [...] de conteúdo audiovisual contribui para a explicação de conceitos complexos, facilitando a compreensão por parte dos alunos” (Tozzi et al., 2024, p. 3727). Finalizado esse ciclo, foi realizada a tutoria dos roteiros, com acompanhamento próximo dos extensionistas, que ofereceram suporte técnico e criativo em sala de aula.

Com os roteiros finalizados e validados pela professora responsável, se iniciou a fase de gravação. Cada grupo teve liberdade para escolher a abordagem e a estrutura de seu vídeo, assumindo protagonismo na organização e execução das filmagens, enquanto os extensionistas atuavam como mediadores, na tentativa de “estimular um projeto de ensino que tenha no jovem a sua peça central” (Soares, 2014, p. 10). Após a coleta do material bruto, os extensionistas ofereceram novas tutorias, com sugestões e apoio técnico, orientando os estudantes no processo de edição de vídeos via celular e capacitando-os no uso de programas editores e na manipulação dos conteúdos.

Para a ex-aluna Tiffany Ribeiro da Silva, a atividade proporcionou uma reflexão sobre o próprio contato cotidiano com textos curiosos. Ela destaca que uma das etapas mais interessantes foi a produção do texto, seguida da elaboração do roteiro e do planejamento da estrutura e dos recursos midiáticos do vídeo. “Acredito que ter tido contato com a educação midiática foi muito importante, principalmente por meio dos *faits divers* e do Profissacast, para compreender as etapas de produção e pensar em como a informação é construída e passada adiante” (Silva, 2025, em entrevista às autoras).

Considerações finais

A comunidade escolar do Colégio Estadual João Gueno respondeu com criatividade à violência urbana. Paralelo ao episódio do “Caso Tayná” – e seus efeitos sobre os demais estudantes –, os projetos de leitura, e o reconhecimento público dessas ações, fizeram do “Gueno” um laboratório. E um laboratório contínuo, estendido às ruas. Se num primeiro momento engajou os estudantes em torno dos livros, num segundo partiu para a escrita, para a produção de informação e para os mapeamentos urbanos. O movimento é freireano (Freire, 2019), por implicar no reconhecimento da realidade e na busca de palavras para explicá-la.

Nesse contexto, a extensão universitária está longe de ser um anexo. Evidencia-se como necessidade da instituição escolar, que passa a contar com jovens universitários para atividades como, por exemplo, a tutoria. O extensionista que explora territórios com os adolescentes, que lê crônicas e deixa anotações – não correções – oferece alternativas ao saber escolarizado (Freire, 2021; Hooks, 2022). Essas ações se dão na perspectiva horizontal, possibilitando que as sugestões dos estudantes se tornem oficinas interativas, mas também medida de enfrentamento dos medos juvenis frente à violência.

As atividades adotadas pelos alunos, como a “novidade” que a extensão oferece à escola, são quase sempre recreativas, a exemplo da produção de *reels* sobre temas curiosos. O desdobramento dessas escolhas, por sua vez, desafia a superficialidade inicial. As atividades até podem nascer como *faits divers*, mas se consolidam como roda de debate, na qual o curioso faz aparecer o trágico, e o trágico é um enigma a ser decifrado – nas ruas do bairro e no noticiário. O processo educacional se concretiza nas ações sistêmicas em que o lúdico e o crítico caminham juntos, ao pôr em evidência o mundo que está fora dos muros da escola (Butler, 2021). Há um embate entre essas forças, fazendo emergir daí o pensamento e por acaso a ação transformadora profetizada por Freire (2019).

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 12.^a ed. Campinas: Papirus, 2024.

BUTLER, Judith. **A força da não-violência**: um vínculo ético-político. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CAMPOS, Marcela. Uma história bonita de se contar. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 17 dez. 2014. <Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/entrelinhas/uma-historia-bonita-de-se-contar-ehijverko5vu95qo5nldh2mha/>>. Acesso: 10/6/2025.

CITELLI, Adílson. **Educomunicação**: Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

CITELLI, Adílson. COSTA, Maria C. C. **Educomunicação**: construindo uma nova área do conhecimento. 2.^a ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 53.^a ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 25.^a ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 26.^a ed. São Paulo: Paz & Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto Gonçalves; QUIMELLI, Gisele de Alves Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Editora CRV, 2016.

HOOKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

NCEP. **De Pés no Chão**: O São Dimas que vivemos. Curitiba, 2018.

NCEP. **O meu, o seu, o nosso São Dimas**. Curitiba, 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7.^a ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. 3.^a ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

TOZZI, Cristiane et.al. Mídias digitais na educação online: o impacto da linguagem audiovisual e ferramentas colaborativas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 3723–3729, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i10.16362.